



## HOJE TEM TEATRO E LETRAMENTO? Tem sim senhor!

*Magalis Bésseer Dorneles Schneider<sup>1</sup>  
Norma Lucia Neris de Queiroz<sup>2</sup>  
Rosimeire Aparecida Rodrigues<sup>3</sup>*

*Eixo temático:8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar;*

### Resumo

Neste artigo tem como objetivo analisar a relação entre teatro, alfabetização e letramento por intermédio de uma pesquisa bibliográfica, em especial, as pesquisas que abordam as ações pedagógicas na formação inicial dos futuros pedagogos. Os resultados apontam possibilidades de construção de diálogos, narrativas, argumentos, contrapostos em suas contradições. Percebe-se que é possível planejar práticas pedagógicas que levem à reflexão por meio da improvisação, da experimentação de papeis e da criticidade sobre as máscaras que encobrem muitas situações, realidades e pessoas.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento infantil; Teatralidade na escola; Prática pedagógica crítica.

### Introdução

Pensar o teatro a partir dos atos que envolvem a tríade: o que se vê, o que se imagina e, quem é o sujeito, engloba um conjunto de pessoas, sejam atores interpretam uma história ou fatos ocorridos ou imaginados em uma dramatização, ou mesmo a plateia que assiste e se envolve promovendo reflexões e interação entre

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação Pós-doutorado em Educação e Historiografia. Professor(a) Adjunto (a) na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Arraias, Tocantins, Brasil. Professora da UaB/UnB no Curso de Teatro. Contato: [magalibesser@uft.edu.br](mailto:magalibesser@uft.edu.br)

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia, Mestre em Educação e Graduada em Pedagogia, Letras e Educação Especial. Orientadora Educacional da SEEDF e Professora da UaB/UnB no Curso de Teatro. Contato: [normaluciaqueiroz@gmail.com](mailto:normaluciaqueiroz@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), pela Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (REAMEC). Professor(a) Adjunto(a) na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Arraias, Tocantins, Brasil. Conato: [rosimeirear@uft.edu.br](mailto:rosimeirear@uft.edu.br)

diferentes pontos de vista e a capacidade de desenvolver o pensamento criativo nas mais diversas áreas dos contextos históricos, culturais e sociais.

O teatro demonstra que a utilização de ferramentas dramáticas no contexto educacional é antiga e aponta experiências que se iniciam no mundo grego e romano, passando pelo período medieval, renascença e romantismo, encontrando ainda mais pluralidade de ações e atenção da filosofia, educação, psicanálise, antropologia, sociologia e linguística no século XX (FORLINI, 2022).

Neste sentido, observa-se que a teatralidade emerge da interação das crianças com o jogo dramático na manipulação de sinais, gestos e costumes, os quais refletem a realidade e se transpõem por meio da fala e da própria comunicação. Através da prática teatral é possível que as crianças desenvolvam o processo da crítica e da reflexão sobre suas ações e seus papéis na sociedade e dentro do contexto em que vivem. O professor tem, também, um papel importantíssimo nessa construção, criação e execução, uma vez que estimula e possibilita o processo construtivo, criativo e cultural do conhecimento (BARROSO, 2017).

Por outro lado, o teatro sempre esteve presente na escola, a partir das aulas de artes vinculadas ao entretenimento das crianças com brincadeiras e atividades que auxiliavam na organização do trabalho docente e no preenchimento das lacunas de carga horária. Geralmente, as atividades constavam de exercícios lúdicos como desenho pinturas, passatempos e algumas vezes atividades teatrais, com encenações representações de uma música, falas, brincadeiras ou jogos (BARROSO, 2017).

Assim, os famosos teatrinhos eram, ainda, responsabilidades das aulas de arte, nas quais buscavam uma atuação mecânica das crianças com textos decorados e marcações planejadas pelos professores. Sem falar nas atividades teatrais para as comemorações do dia dos pais, das mães, da páscoa e o encerramento do ano letivo que coincide com as comemorações natalinas, entre outras.

Infelizmente, essas atividades teatrais ainda são uma realidade na escola e muitas vezes as únicas que os professores trabalham o teatro na escola. Neste sentido, indagamos: o teatro pode ser utilizado como prática de letramento na escola? É possível planejar práticas pedagógicas teatrais durante o processo de alfabetização?

Interessa, neste artigo, analisar a relação entre teatro, letramento e alfabetização por intermédio de uma pesquisa bibliográfica, a partir de artigos

científicos. Contextualiza-se a partir do embasamento teórico voltado ao teatro, ao letramento e à alfabetização.

Sendo assim, o teatro poderá ser trabalhado no âmbito da escola como letramento, considerando que o teatro é uma linguagem, portanto, pode promover o letramento histórico, o pensamento crítico, opondo-se a uma educação hegemônica tecnicista e utilitária ao capital (FRAGA; EICHLER, 2022). Como recurso metodológico, o teatro possibilita aos estudantes ampliar seus horizontes culturais, superar a timidez e desenvolver a empatia, a capacidade cognitiva, despertando neles o interesse por temas, textos e autores variados (ALMEIDA, 2016).

Assim, o teatro na escola desenvolve a performance pessoal, interpessoal, habilidades de comunicação e de expressão, a criatividade, a liberdade do corpo e do pensamento. A prática teatral proporciona uma gama de possibilidades de aprendizagem, através do lúdico, da performance, do improviso, do autoconhecimento, do corpo e do contato com outro. A prática teatral instiga a dúvida, o estranhamento, o pensar, a pergunta, a busca e provoca a reflexão e a descoberta (FRAGA; EICHLER, 2022).

## **Da alfabetização ao letramento, o que liga esses termos?**

Antes de se alfabetizar a criança já possui a leitura pessoal do mundo em que ela vive. Mesmo antes dela aprender a ler e a escrever, já se comunica por meios, gestos, expressando suas necessidades e desejos. Sabe-se que a interação com os meios de comunicação, por exemplo, a televisão, o rádio, familiares, colegas da rua, imagens do cotidiano são parte de uma educação considerada informal, mas dinâmica e permeada de saberes e aprendizados socioculturais (BARROSO, 2017).

Na escola, a criança desenvolverá suas habilidades por meio da alfabetização, letrando-se. De acordo Soares (2009), alfabetizar é tornar a pessoa capaz de ler e escrever e compreender o que escreve e lê. Entretanto, o sujeito que é alfabetizado nem sempre consegue relacionar-se socialmente com a leitura e escrita, principalmente, usar socialmente essas habilidades a seu favor. Compreender o sentido da alfabetização e letramento, recorreremos a Freire (1989), quando afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, entretanto, linguagem e realidade se

unem dinamicamente. Não basta possuir habilidades de leitura e escrita. Essas habilidades precisam dialogar, estabelecer a ligação. Elas vinculam “[...] a leitura das palavras com a leitura da realidade, para que as duas possam falar uma com a outra” (FREIRE, 1986, p.85).

É necessário ler e escrever, a partir da leitura de mundo, por intermédio das práticas sociais e interações socioculturais. Deste modo, quando um sujeito lê e escreve socialmente, afirma-se que ele é letrado. O letramento é a nova maneira de compreender a presença da leitura e escrita no mundo social. Coadunando com esta visão salienta-se que no conceito de letramento está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas seja para o grupo social ou para o indivíduo. Assim, o letramento poderá ser compreendido com o estado ou condição que um grupo social ou indivíduo adquirem como consequência de apropriarem-se (BORTOLI, SESTI, 2011).

## **O que liga o teatro e o letramento?**

O jogo simbólico, mais conhecido como o “faz de conta”, compreende-se como a representação de momentos vivenciados pelas crianças por intermédio da memória e da imaginação. Sendo assim, o jogo simbólico pode ser visto como uma imitação do contexto em que a criança vive. Faz parte do desenvolvimento, quando ela descobre diferentes papéis sociais e experimenta por meio do faz de conta. Ela brinca, joga, representa, explora o universo cultural e social, percebendo as regras, com vivência e prática social, de forma criativa, da escrita e da fala para comunicar-se e expressar-se. Deste modo, podemos identificar o teatro como viés pedagógico que possibilita a prática de letramento, a leitura de mundo que a criança começa a representar e se expressar, comunicando-se e praticando socialmente as habilidades da leitura e escrita na representação (BARROSO, 2017).

O teatro e o letramento podem ser articulados, nos momentos da contação de histórias por meio da leitura de livro, com expressões de susto, medo, surpresa, ansiedade, emoção e alegria. É possível que a criança por meio dessas representações encontre novas maneiras de enxergar e interagir socialmente com o mundo, experimentando e vivenciando diferentes situações (BARROSO, 2017).

A criança por intermédio da interação social acessa os diferentes modos de pensar e agir, além das diferentes linguagens, tradições, costumes, emoções, histórias e as práticas sociais. Isto possibilita a compreensão do meio e o desenvolvimento de habilidades específicas da interação social e do diálogo na construção do conhecimento a partir do teatro (VYGOTSKI, 1989; FREIRE, 1987).

Vygotski (2005, p.63) destaca que “O crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem.” Na escola, o teatro pode oferecer um amplo espectro de situações e oportunidades de aprendizagem e conhecimento. Algumas das aprendizagens estão o uso que faz da linguagem, a informação e entonação da voz, do corpo, do gesto, da ação, além da emoção do ator (JAPIASSU, 1998).

As implicações escolares-educacionais e pedagógicas do paradigma histórico-cultural do desenvolvimento humano, nas quais se insere a proposta de ensino do Teatro, assinalam a importância do que se pode fazer com ajuda de outros mais capazes e experientes e o que se faz sozinho, entregue à resolução solitária de problemas, ou ao isolamento cultural em determinado grupo social. A qualidade das interações intersubjetivas, culturalmente mediadas, interferem decisivamente no processo de constituição dos sujeitos (JAPIASSU, 1998).

## **O teatro, a improvisação e a criatividade**

O teatro na escola traz, também, a improvisação. Para comprovar esse aspecto basta observar crianças, adolescentes e adultos atuando por meio de ações e atitudes sem um roteiro prévio. É possível observar, ainda, que as cenas são apresentadas ao mesmo tempo em que são criadas, ou seja, não faziam parte do script e que muitas vezes alcançam muita qualidade. A improvisação Teatral na escola proporciona desenvolvimento e experimentação de valores e competências democráticas. As metodologias de aprendizagem na prática da improvisação têm um potencial didático para a educação política e cidadã, principalmente, aos valores individuais e coletivos necessários para a manutenção e aperfeiçoamento da democracia (FORLINI, 2022).

Sem dúvida, destaca-se que a improvisação está presente no cotidiano das pessoas, como situações não planejadas que as libertam ou as oprimem. Freire (1987,

p. 18) reforça essa visão, quando destaca que “Ao fazermos esta afirmação, não queremos dizer que os oprimidos, neste caso, não se saibam oprimidos. O conhecimento de si mesmos, como oprimidos, se encontra, contudo, prejudicado pela “imersão” em que se acham na realidade opressora.”

Para Freire (1986), o professor é um artista e um político. Ele tem como atividade social a liberdade e contra a dominação, como ação cultural dentro ou fora da sala de aula. Nessa perspectiva de liberdade é preciso compreender o diálogo como parte dessa emancipação e não como uma técnica para conseguir obter alguns resultados ou como uma *tática* para fazer dos alunos *amigos*. Se isso ocorrer o diálogo será apenas uma técnica ou tática para a manipulação.

Desse modo, o teatro, a improvisação e a criatividade podem estar presentes nas escolas como base das atividades pedagógicas, contudo o teatro pode representar o reflexo de uma realidade, de um contexto que esconde muitas contradições. Além de reproduzir realidades e visões elitistas e excludentes. A improvisação pode apresentar uma perspectiva libertadora, mas se for manipuladora representará uma educação bancária.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1987, p. 33).

O improviso é compreendido por alguns quando é feito às pressas, por conta de alguma mudança de planos ou contexto. No teatro, especificamente, o mesmo senso comum entenderá improviso como uma saída para o ator que por algum motivo saiu do roteiro, seja porque esqueceu a fala ou por alguma situação inesperada. Entretanto, a improvisação é técnica, linguagem e produto teatral (JAPIASSU, 1998).

A improvisação é então um dos caminhos, ferramenta de criação e de experimentação que tem como objetivo final a construção de cenas não-improvisadas. Parte-se de práticas de teatro construídas espontaneamente para que, ao serem observadas e reelaboradas, estas cenas sejam posteriormente ensaiadas e planejadas. É um entendimento da improvisação enquanto processo criativo.

Deste modo, o teatro e a improvisação na prática pedagógica podem promover o desenvolvimento da espontaneidade, intuição, interatividade, raciocínio indutivo,

escuta ativa, expressividade verbal e não-verbal, interpretação de papeis, criatividade, trabalho em equipe e pensamento crítico.

## **Metodologia**

Buscou-se desenvolver uma reflexão crítica, a partir da revisão bibliográfica de autores que abordam a perspectiva da alfabetização, letramento e teatro. A pesquisa foi realizada com uma abordagem qualitativa, exploratória e bibliográfica. Para Gil (2002, p. 41), a pesquisa exploratória visa fornecer entendimento adicional sobre um problema para esclarecê-lo ou estabelecer uma hipótese e inclui levantamentos bibliográficos e entrevistas. A bibliográfica, aqui, trata-se de um levantamento de trabalhos publicados.

## **Resultados e Discussão**

Vallack (2015), autora do estudo “*Theatre as Education*”, relata as visitas de rotina do estágio profissional, nas quais as crianças aprendiam a soletrar palavras das lousas. Ela percebeu a concentração das crianças, mas ao mesmo tempo transpareciam ansiedade e nervosismo daquelas que não atingiam o objetivo. Nesse caso, a professora fazia uma pausa e esperava, para que sob o peso do olhar, a criança pudesse tentar novamente (e de novo) até acertar as palavras. Isto é, procedimento típico de uma educação depositária e mecanicista. A educação se torna um ato de depositar em que os professores depositam os conteúdos na cabeça dos educandos:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão (FREIRE, 1987, p. 33).

Na mesma escola, a autora disse que conversou com os docentes que trabalhavam com turmas de 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries. Um deles comentou que os educandos parecem não ter confiança para tomar iniciativa ou serem criativas. Freire (1987, p. 34) salienta o poder da educação bancária:

Na medida em que esta visão “bancária” anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. A autora expõe as abordagens teatrais que criou para envolver adolescentes na escrita com as representação de peças, baseadas em questões comunitárias.

Vallack (2015) relata outra experiência, na qual leva os professores em formação inicial para visitar uma escola local com o propósito de conversar com educandas do 8º ano. As meninas de 13 anos foram convidadas a contarem suas histórias. O objetivo era identificar a percepção das estudantes em relação à vida e à escola. Após a visita retornaram à universidade e realizaram a atividade teatral de recontar o que ouviram e lembravam das histórias. Em seguida, escreverem frases e palavras chaves em seus cadernos. Surgiram dessa observação, relatos latentes e repetitivos sobre *bullying* e *cyberbullying*. A partir disso, improvisaram em torno de algumas ideias e criaram os personagens. Montaram uma ação teatral e criaram o roteiro com o título “O Problema Popular”. Passado algumas semanas apresentaram na escola pesquisada.

O roteiro gerou questões importantes, perguntando ao público o que eles fariam em casos de *bullying* e *cyber* assédio moral. Prepararam dois finais vagamente previstos e ensaiados, para que os artistas pudessem terminar a peça conforme recomendado pelo público. Isso funcionou bem, pois o público desfrutou do poder sobre a criação de histórias. Após o espetáculo, as educandas do 8º ano disseram que se identificaram com a apresentação. Isso representa o diálogo como caminho para uma educação emancipadora, como Freire (1987, p. 39) defende:

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo.

A experiência de Teatro na Educação que Vallack (2015) descreve não deixa de ser o caminho da pesquisa etnográfica sendo construído pelos professores e estudantes. Outra experiência apresentada pela autora relata a visita dos graduandos a um clube frequentado por idosos. Durante a visita, os graduandos conversaram com pessoas idosas e ouviram histórias da cidade, inclusive do tempo da Segunda Guerra Mundial.

Quando retornam à escola, registraram os dados orais recolhidos em um quadro branco. Em seguida, procuraram maneiras de vincular as anedotas, improvisações, personagens e cenários. Esta atividade de pesquisa e criação de um cenário em volta de realidades vivas, de pessoas concretas propõe a educação

libertadora uma visão crítica, problematizadora e conscientizadora do mundo. Nessas experiências, a escrita e a leitura trazem mudanças culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas. Desloca a perspectiva das habilidades e competências para as relações sociais, do contexto cultural e ideológico que os sujeitos estão inseridos (SOARES, 2006). Por isso, é preciso um olhar crítico para essa realidade, as ideologias pulsantes e contraditórias nesse meio. Um exemplo prático é a perspectiva da ideologia do dom (SOARES, 2006) que sugere adaptar, ajustar os educandos à sociedade, de acordo com suas características individuais. Nessa visão, justifica-se que o fracasso do aluno é uma decorrência de sua incapacidade, sendo ele o mentor do fracasso ou sucesso (SCHNEIDER; QUEIROZ, 2017).

Vallack (2015) em seu estudo descreve como fazer pesquisa em Educação, a partir de atividades do teatro:

1. Decida o que pesquisar. Peça às crianças que colem histórias de pessoas mais velhas ou mais jovens, ou talvez heróis locais, por exemplo, bombeiro, um policial, um idoso, indígena.
2. Depois que as histórias e anedotas forem coletadas e o grupo estiver pronto para começar a analisar os dados, procure as linhas da história junto com os educandos.
3. Permita que cada pessoa apresente seus dados, conte sua história conforme lembra, sem interrupção. O grupo pode então discutir a história e identificar, além de pesquisar temas, ideias de desempenho ou personagens.
4. Improvise. Permita que os estudantes brinquem com personagens e diálogos.
5. Desenhe personagens e histórias a partir da improvisação.
6. Pegue os dados e a análise e escreva-os como um *script*. Como professor/pesquisador, você pode fazer isso, mas se motivados, alguns alunos podem fazê-lo melhor.
7. Ensaie o roteiro, mas nem sempre se atenha a ele. Se ideias melhores fluírem durante o ensaio procurar mantê-las.
8. Encene a peça e deixe os estudantes contarem as histórias. Durante todo o processo de ensaio, os atores sabem que sua avaliação final virá dos próprios contadores de histórias, e isso dá um propósito à atividade que vai além de fazer trabalhos escolares.

Este roteiro de atividades reflete as palavras de Paulo Freire (1987) “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p.39).

Vallack (2015) diz que ao fazer Teatro na escola é como um salto de fé. Muitos hesitam diante de incerteza. Ao embarcar no Teatro, os participantes não sabem, de antemão, quais informações receberão e o que aprenderão com a experiência. Esse aprendizado é tanto pesquisa e arte, que irão tomar forma através do processo criativo.

O envolvimento do indivíduo com o contexto social, com vistas leva a compreender a necessidade de sua participação em práticas diversas, inerentes a diferentes situações. É importante que o sujeito perceba o sentido de sua atuação em sociedade, como forma de desenvolver sua capacidade de se relacionar, e formular opiniões de forma crítica, responsável e consciente (SCHNEIDER; QUEIROZ, 2021).

## **Considerações finais**

Ao realizar a análise da correlação do teatro, alfabetização e letramento, verificou-se possibilidades da prática social do letramento que pode produzir a transformação em uma educação crítica, problematizadora e emancipadora. Os resultados apontam, ainda, possibilidades a partir da pesquisa de diálogos e narrativas, argumentos, contrapostos, testados em suas contradições. Percebe-se que é possível planejar práticas pedagógicas que levem à reflexão por meio da improvisação, experimentação de papéis e criticidade sobre as máscaras que encobrem muitas situações, realidades e pessoas.

Constatou-se que o teatro associa conteúdos, singularidades das práticas sociais como metáfora e instrumento para compreensão da realidade social e política. Por intermédio do teatro é possível alfabetizar e letrar promovendo a leitura da palavra com a leitura de mundo, permitindo o respeito mútuo e a construção do conhecimento com a ludicidade, com conteúdos objetivos e subjetivos, permitindo a expressividade e ação prática do currículo oculto.

## **Referências**

ALMEIDA, M. H. G. Ensino de História a partir do Teatro: entre práticas e representações. In: Neves, A. F., De Paula, M. H., Dos Anjos, P. H. R. **Estudos interdisciplinares em humanidades e letras**. São Paulo: Blucher, 2016.

BARROSO, Alan Vilela. **Teatro e letramento na educação de crianças**. Projeto gráfico: Alan Barroso, 2017.

BORTOLIN, Denice. SESTI, Rose Carla. Letramento. IV Jornada de Pesquisa em Psicologia: Desafios Atuais nas Práticas da Psicologia. **UNISC**, Santa Cruz do Sul, 2011. Disponível: [https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/jornada\\_psicologia/article/viewFile/10214/40](https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/jornada_psicologia/article/viewFile/10214/40) Acesso em 29 de março de 2023.

FORLINI, Danilo Basile. **Teatróloga: Improvisação e Teatro como possibilidades metodológicas na Educação para a Democracia**. Tese de doutorado. UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”. Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara – SP, 2022. Disponível: <<http://hdl.handle.net/11449/217907>> 28 março de 2023.

FRAGA, J.; EICHLER, M. L. Theater as a language for historical literacy in counter-education. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 12, p. e201111234403, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i12.34403. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/34403>. Acesso em: 20 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores associados, 1989.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'água, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues; MORAES, Raquel de Almeida; TERUYA, Teresa Kazuko. (Orgs.) **Educação a distância (EaD): reflexões críticas e práticas**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2017.

SCHNEIDER, Magalis B. D.; QUEIROZ, Norma L. N. **Letramentos, multiletramentos e educação: leituras de mundo**. Catu: Editora Bordô e Grená, 2021.

Schneider, M. B. D.; QUEIROZ, N. L. N. Concepção ideológica no processo pedagógico da alfabetização. **Revista Educação E Emancipação**, p.103–121, 2017. <https://doi.org/10.18764/2358-4319.v10n2p103-121>

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**. 23 (81), dezembro, 2002. Disponível: <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?lang=pt> acesso em 06 fevereiro de 2023.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Editora Ática, 2006

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros – 3ª Ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.**

JAPIASSU, R. O. V. Jogos teatrais na escola pública. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 2, jul. 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551998000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 28/03/2023.

VALLACK, Jocene. **THEATRE AS EDUCATION**. AARE Conference, James Cook University, Townsville. W Freemantle, Western Australia, Nov 29-Dec 3, 2015). Disponível: <https://eric.ed.gov/?id=ED593808> acesso 12 março de 2023.

VYGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

VYGOTSKI, L. S. **La imaginación y el arte em la infância**. Disponível em: <[http://www.antorcha.net/biblioteca\\_virtual/pedagogia/Vygotsky/indice.html](http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/pedagogia/Vygotsky/indice.html)>. Acesso em: 27/08/2008. (Trabalho original publicado em 1930).

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.